

Barcellos-Moderno

Director e proprietario: ARMINDO MIRANDA

Red. adm.

Comp. e impr.

Rua D. Antonio Barroso, 99

BARCELLOS

Typ. «Centro de Novidades»

JOSÉ MARCELLINO DOS SANTOS CARAVANA

11 de junho de 1910.

São 7 horas da tarde.

Barcellos encontra-se no seu aspecto normal; mas é, de subito, alvoroçado pela lugubre noticia de que uma das mais estimadas familias se envolvia, naquelle momento, n'uma consternação e angustia inexplicavel.

O que seria?!

Tudo ficou attonito!

E' que José Caravana tinha deixado de existir.

Sim! Esse prestimoso e sympathico joven, de coração diamantino e alma nobre, já não pertencia ao numero dos vivos.

Pobre rapaz!

Morre, quando principiava a conhecer o mundo: aos 22 annos.

Sim! na adolescencia, no tempo em que tudo são chimeras e sonhos, illusões e esperanças!

A morte edaz, esse terrivel flagello que não poupa a ninguem, veio, bruscamente, d'esta vez roubar a vida a um bom que todos nós estremeciamos.

E' cruel!

Era um bello character: a sua intelligencia demonstrou-a elle varias vezes.

A sua familia perdeu um filho dedicado e obediente; e nós um amigo verdadeiramente leal.

Que descance em paz!

O seu funeral, que se realison a 13 do corrente, foi mutissimo concorrido.

Enviamos á sua familia as nossas sentidas condolencias.

Guy de Maupassant e o feminismo

Estando tão grande e intensamente na tela da discussão o feminismo, e as reivindicações sociaes a que a mulher se julga com direito, parece-me não ser fóra de proposito o trasladar para aqui o que a tal respeito escreveu o apreciado escriptor francez Guy de Maupassant no prefacio com que precedida a *Manon Lescaut*, na edição Launnet et C.^{ie}.

Fazendo-o outro intuito não tenho do que estabelecer o flagrantissimo contraste que se dá sobre o feminismo entre os tantos propugnadores d'elle na actualidade e Guy de Maupassant.

Eis as palavras d'este no aludido prefacio.

«Apesar da experiencia dos seculos, que bem tem provado que a mulher, sem excepção em contrario, é inhabil para todo o trabalho verdadeiramente artistico e verdadeiramente scientifico, empregam-se hoje em dia os maiores esforços para nos imporem a mulher medica e a mulher politica.

E' inutil a tentativa, visto ainda não termos nem a mulher pintora nem a mulher musica não obstante os obstinados esforços de todas as filhas de porteiros, e em geral de todas as moças candidatas ao casamento, que se dedicam ao estudo do piano e até de composição com uma perseverança digna de melhor exito, ou que desperdiçam côres na pintura a oleo ou a agua, copiam modelos de gesso e ainda do proprio nu, sem alcançarem a mais do que a pintar leques, flores, pratos ou retratos mediocres.

«A mulher sobre a terra tem dois papeis bem distinctos e ambos elles bellissimos: o amor e maternidade.

«Os nossos admiráveis mestres, os Gregos, que tinham sobre a existência ideias muito mais discretas e definidas do que as que hoje parece serem-lhe atribuídas, compreendiam perfeitamente esta dupla missão da companheira do homem. Como sua lucida inteligência não admitia confusões haviam estabelecido nitidamente, e por modo absoluto, estas duas atitudes da mulher na vida.

«As que deviam procrear-lhe filhos escolhidos com toda a solícitude, sãs e fortes, encerravam-se em casa, inteiramente entregues e devotadas ao dever sagrado de dar à luz e educar seus filhos que serão homens gregos, e suas filhas que serão mães

Aquelas que eram destinadas ao amor, a tornar-lhes breves e encantadas, espirituosas e ternas as horas de repouso, viviam livres, rodeadas de homenagens, de cuidados, de atenções. Eram as grandes cortezãs cujo dever consistia em ser belas e sedutoras, em deslumbrar os olhos, captivar o espirito e agitar os corações.

«Nada mais se lhes exigia a elas, do que o agradarem, põem em acção toda a sua virtualidade e todo o seu artificio ao fim de aprenderem e praticarem a arte subtil e misteriosa da sedução e das caricias.

«Era por tal arte respeitada sua belesa que em navio foi propositadamente Hipocrates à Africa, por que a gravidez ameaçava uma d'elas.

Os grandes homens, artistas, philosophos, generaes, viviam na casa d'estas cortezãs, escutavam seus conselhos, encontravam em sua intimidade essa graça delicada, apanagio das mulheres, e procuravam em seu amor esse quê quasi divino, essa embriaguez sensual e poetica, que lhes brota dos labios e dos olhos.

«Foi, sem a menor contestação possível, concedido à mulher o dominar e encantar o homem tão sómente com as fórmulas do seu corpo, o sorriso de seus labios, o poder de seu olhar. O seu dominar irresistivel expande-se d'ela, envolve-nos, subjuga-nos sem que possamos resistir-lhe a lutar com ela, fugir-lhe, quando ella pertence á

raça das grandes vitoriosas e das grandes sedutoras...».

Está conforme.

6 de agosto 1909

RODRIGO VELLOSO.

Perfis femininos

III

Junto a um *jardim* perfumado,
Ha uma flôr sorridente
Que vive constantemente
Com uma *rosa* a seu lado.

Sua côr é a da farinha
De que se faz o *pão quente*;
Mas põe-na um pouco diff'rente
Os *banhos* de agua marinha.

Por coisas que a sorte faz,
Tem duas mães — felizarda!
Uma que *comsigo* a guarda
E vive a *outra* em S. Braz.

Tem uma *pose* bizarra,
Lindos olhos, linda bocca;
E um instrumento que toca
E' *parente da guitarra*.

Della se *conta* (parece)
Esta anedocta farçante:
Não percebeu certo amante...
Mas — então! — que *percebesse*.

Um admirador.

ENTRE APAIXONADOS

— O que é o Amor, meu crente?
— Digo-te, e sem exitar:
— E' a coisa que se sente
Mas não se pode explicar!...

DIDI.

LITTERATURA

Os teus olhos

*N'esses teus olhos esportos
Eu leio muita affeição;
São dois luares abertos
Por sobre o meu coração!*

*São tão gentis, tão risonhos,
Qu'inda os não vi como os teus!
Pareço viver de sonhos
Quando se pousam nos meus!*

*São duas meigas estrellas
Sobre um Céu todo Jasmim;
Nunca me canso de vê-las,
Embora não vejam a mim.*

*Perdão, porem, eu te peço,
Cheio de dôr e tristeza;
Não pode um pobre, confesso,
Possuir tamanha belleza!*

*Ouve, querida, o que eu sinto
Na alma transida de dôr;
Depois dirás, minha flôr,
Se isto é verdade ou se minto:*

*— Teus lindos olhos gravados
N'essas faces de marfim,
A outro são destinados,
Não foram feitos p'ra mim!*

MGNIX

LYVIO PERALTA.

ALMANACH DO "BARCELLOS-MODERNO,"

27 de outubro de 1495.

Foi exactamente n'este glorioso dia que nasceu inteiramente Francisco de Sá de Miranda.

Soubemos pelo *Espirito Santo de Orelha*, que todos criticaram a apparição d'este «almanach». Não faz mal. Houve apenas dois illustres cavalheiros que em nada fallaram e tiveram a honra de serem: Gil Vicente e o supra dito Francisco de Sá de Miranda. Ficamos-lhes — como manda a boa educação — muitissimo gratos.

Uma vez nascido, era filho d'um sr. conego (!) de Coimbra chamado Gonçalo Mendes de Sá.

Aos 18 annos, seja em 1513, appareceu não sabemos como, na côrte, onde o seu elevado talento lhe criou um logar distinctissimo — por consequencia áparte dos ou-

tros. Realizou-se este acontecimento no reinado de D. Manoel I.

Depois de estar bem collocado como estava, deu-lhe a mania de dar um passeio e zaz... pespegou com o seu todo na Italia!

Foi ter coragem!

Mas... todos nós podiamos ser assim...

Ahi pelos annos de 1524 a 1526 regressou S. Ex.^a de feições completamente *dimódadas*, ao seu muito amado Portugal, com o intuito (outra mania) de renovar a poesia portugueza, o que conseguiu após uma lucta renhida, renhidissima.

Foi inquestionavelmente o primeiro poeta do seculo XVI.

Foi, no tempo de estudante, um piadista de primeira ordem!

Estando uma vez na eschola o professor intimou-o a que narrasse como se dera a batalha de S. Mamede.

Ora elle não sabia, porque não tinha es-

tudado. Más não se affligiu; disse muito socegradamente:

— Sr. professor: não tenho expressões expressivas com que me possa expressar expressivamente, motivo expresso para não puder exprimir como se deu esse facto.

O professor desatou-se a rir e assim passou o sr. Miranda de *expressar* como se dera aquelle acontecimento historico.

E' boa!...

Publicou obras muito admiraveis especialmente em poesia.

Eis-nos emfim no anno de 1558, anno que Francisco de Sá de Miranda desappareceu da circulação; dizem — e nós acreditamos — que jamais sentiu identico abalo e que está ainda na expectativa de voltar cá outra vez.

Talvez seja feliz!... Quem sabe? Que volte pois!... Cá o esperamos...

E lá virá um dia em que se ha-de dizer:
Éccé-Hómó!...



ACROSTICO

Indos olhos expressivos,
Cmbraticos fascinantes:
Concedei fagueira esp'rança
—nspirae mais confiança
Vos olhos vossos amantes!

Dssim sempre tão ladinos,
Nombeteiros, mas divinos,
mscravisaes corações;
Ariaveis e crueis,
msmagaes com desenganos,
Desprezando, olhos tyrannos,
Olhos p'ra vós tão fiéis!

20-6-910

**



O Famalicense

Completo este nosso presado collega o 3.^o anniversario da sua publicação.
Enviamos-lhe, pois, às nossas felicitações.

SECÇÃO RECREATIVA

Charada auxiliar

- | | | | |
|-----------------|-------|---|-----------|
| 1. ^a | tepor | = | preferir |
| 2. ^a | mate | = | fructo |
| 3. ^a | nho | = | abrigo |
| 4. ^a | livia | = | mulher |
| 1. ^a | eca | = | calvo |
| 2. ^a | lo | = | traicção |
| 3. ^a | la | = | cabedal |
| 1. ^a | molir | = | destruir |
| 1. ^a | luir | = | abalar |
| 2. ^a | rla | = | fraude |
| 3. ^a | ela | = | pendencia |
| 4. ^a | nte | = | cálido |

Cavalheiro barcellense

UM SEU COLLEGA.

Paciencia feminina

Formar o nome de uma gentil dama barcellense com as letras da seguinte phrase.

Marilia das Dores Tosca de Ramos Reutans

ARIM.

Paciencia masculina

Formar o nome de um novo estudante barcellense com as letras da seguinte phrase.

Zé, vê a Deudata de Moura.

UM AMIGO.

Soluções n.º 3

Logogripho — Maria Eduarda Carmona.

Acrostico — Aveiro, Obidos, Leiria, Nellas, Sa-boia, Molêdo, Coimbra, Coruche, Sardosa, So-brado, Arazêde, Alcaria e Bemfica.

Paciencia feminina — Esther Nogueira Souto.

Decifradores: J. A., Um conquistador, Rodrigo Ferreira, e Dois panotilheiros.